



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE MÚSICA  
CURSO DE MÚSICA/LICENCIATURA

CARLA MARCELA GOMES LIMA TRAVASSOS

**VIVÊNCIAS MUSICAIS NO ENSINO MÉDIO: UMA EXPERIÊNCIA COM  
ESTUDANTES DO CENTRO EDUCACIONAL CIDADE OPERÁRIA I EM SÃO  
LUÍS – MA**

São Luís - MA  
2019

CARLA MARCELA GOMES LIMA TRAVASSOS

**VIVÊNCIAS MUSICAIS NO ENSINO MÉDIO: UMA EXPERIÊNCIA COM  
ESTUDANTES DO CENTRO EDUCACIONAL CIDADE OPERÁRIA I EM SÃO  
LUÍS – MA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso Música/Licenciatura da Universidade  
Federal do Maranhão como requisito parcial para  
a obtenção do grau de Licenciado em Música.

Orientador: Prof. Dr. João Fortunato Soares de  
Quadros Júnior

São Luís - MA  
2019

CARLA MARCELA GOMES LIMA TRAVASSOS

**VIVÊNCIAS MUSICAIS NO ENSINO MÉDIO: UMA EXPERIÊNCIA COM  
ESTUDANTES DO CENTRO EDUCACIONAL CIDADE OPERÁRIA I EM SÃO  
LUÍS – MA**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
modalidade Artigo Científico, apresentado ao  
Centro de Ciências Humanas como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
Licenciado em Música.

Aprovado em: 18 de janeiro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. João Fortunato Soares de Quadros Júnior – UFMA (Orientador)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Brasilena Gottschall Pinto Trindade – UFMA (1º Examinador)

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Leonardo Corrêa Botta Pereira – UFMA (2º Examinador)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Travassos, Carla Marcela Gomes Lima.

Vivências musicais no Ensino Médio: uma experiência com estudantes do Centro  
Educacional Cidade Operária I em São Luís - MA / Carla Marcela Gomes Lima  
Travassos. - 2019.

38 f.

Orientador(a): Prof. Dr. João Fortunato Soares de Quadros Júnior.

Monografia (Graduação) - Curso de Música, Universidade Federal do Maranhão,  
São Luís, 2019.

1. Educação musical. 2. Ensino médio. 3. Vivência musical. I. Quadros Júnior, Prof.  
Dr. João Fortunato Soares de. II. Título.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 O ENSINO DE MÚSICA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS .....</b>	<b>6</b>
<b>3 MÚSICA NO ENSINO MÉDIO .....</b>	<b>12</b>
<b>4 RELATO DE EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIA MUSICAL NO CENTRO EDUCACIONAL CIDADE OPERÁRIA I .....</b>	<b>17</b>
<b>4.1 Aula 1 .....</b>	<b>19</b>
<b>4.2 Aula 2.....</b>	<b>22</b>
<b>4.3 Aula 3 .....</b>	<b>24</b>
<b>5 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....</b>	<b>26</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>30</b>

## **Vivências musicais no Ensino Médio: uma experiência com estudantes do Centro Educacional Cidade Operária I em São Luís – MA**

*Carla Marcela Gomes Lima Travassos*

**Resumo:** O presente trabalho relata a experiência pedagógica-musical vivenciada com uma turma do 3º ano do Ensino Médio, do Centro Educacional Cidade Operária I, em São Luís – MA, no ano de 2016. Objetivou-se analisar a influência da metodologia de ensino utilizada, dos conteúdos abordados, das características do público-alvo e dos documentos normativos que fundamentam a proposta pedagógica da educação formal brasileira, enquanto elementos primordiais para o alcance de uma Educação Musical satisfatória e, assim, imprescindíveis no processo de conquista, valorização e confirmação da Música enquanto conhecimento. Considerando ainda o estar ciente do histórico legislativo que envolve seu ensino nas salas de aula, como necessário ao embasamento de sua defesa, destacando-se a lei complementar nº 11.769/2008, que altera a lei de nº 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), dispondo sobre a obrigatoriedade do ensino da Música na educação básica, e a Lei nº 13.278/2016, que ampliou a obrigatoriedade para as outras linguagens artísticas, como de caráter mais atuais e de maior reflexo. Como resultados, foi possível constatar que, apesar do curto período da experiência, os alunos participantes demonstraram grande interesse, satisfação e aprendizado com os conteúdos trabalhados, reiterando assim a necessidade de efetivação da Lei nº 13.278/2016. E que as experiências de Educação Musical vivenciadas na prática têm caráter formador, construtor e analista de conceitos, padrões e aspectos necessários ao ensino de Música significativo, que alcance os objetivos estabelecidos enquanto contribuinte para a formação cidadã do indivíduo, e para capacitação de profissionais devidamente gabaritados para a Educação Musical.

**Palavras-chaves:** Educação musical; Vivência musical; Ensino médio.

## **Musical experience in high school: a experience with students of the Centro Educacional Cidade Operária I in São Luís – MA**

**Abstract:** The present work reports the musical-pedagogic experience survived with a group of the 3rd year of the Secondary education, of the Education Centro Educacional Cidade Operária I, in Saint Luís – me her, in the year of 2016. There aimed to analyse the influence of the used methodology of teaching, of the boarded contents, of the characteristics of the white-public one and of the prescriptive documents that substantiate the pedagogic proposal of the Brazilian formal education, while primordial elements for the reach of a satisfactory Musical Education and, so, essential in the process of conquest, increase in value and confirmation of the Music while knowledge. Considering still it to be aware of the historical legislature that wraps his teaching in the classrooms, like necessary to the foundation of his defense, when is standing out the complementary law nº 11.769/2008, which alters the law of nº 9.394/1996, Law of Directives and Bases of the Education (LDB), having on the obligatoriness of the teaching of the Music in the basic education, and the Law nº 13. 278/2016, which enlarged the obligatoriness for other artistic languages, since of character more current and of bigger reflex. As results, it was possible to note that, in spite of the short period of the experience, the pupils participants demonstrated great interest, satisfaction and apprenticeship with the worked contents, 13.278/2016 reiterating so the necessity of effectiveness of the Law. And that the experiences of Musical Education survived in the practice have forming character, builder and analyst of concepts, standards and necessary aspects to the significant teaching of Music, which reaches the established objectives while taxpayer for the formation citizen of the individual, and for training of professionals properly well-qualified for the Musical Education.

**Key-words:** Music education; Music experience; High school.

## **1 INTRODUÇÃO**

Desde 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394, a Música se fez mais presente na educação básica, prosseguindo com a Lei complementar de nº 11.769, de 18/08/2008, e, por conseguinte, com a lei mais recente de nº 13.278, de 02/05/2016. Diversos trabalhos vêm sendo realizados visando consolidar a importância da Educação Musical na escola, sobretudo apresentando à comunidade científica e à sociedade em geral, seus reflexos positivos. Nesse processo, ponderando uma Educação Musical satisfatória e significativa que alcance consolidação, muitos autores apontam que para alcançá-la, é necessário se levar em consideração elementos primordiais como a metodologia de ensino utilizada, os conteúdos abordados, as características do público-alvo e os documentos normativos que fundamentam toda proposta pedagógica na educação formal brasileira.

Assim, o presente trabalho vem apresentar um relato de experiência vivenciado em uma escola pública de Ensino Médio da cidade de São Luís – Maranhão, buscando analisar a influência de cada um dos elementos condicionantes expostos acima. Para tanto, é fundamental realizar uma análise contextual sobre a Educação Musical na atualidade: Qual o posicionamento que o ensino da Música ocupa nas escolas brasileiras? Baseado nesse questionamento, apresentamos na continuação, um breve histórico acerca desse tema.

## **2 O ENSINO DE MÚSICA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS**

As primeiras manifestações de um ensino de Música, de forma mais organizada, no Brasil, apareceram durante a Segunda República, nas décadas 1910 e 1920, caracterizado como Canto Orfeônico que, ao contrário do que muitos acreditam, não teve Heitor Villa-Lobos como pioneiro, tal como descreve Cáricol (2012, p. 20):

Muitos acreditam que Heitor Villa-Lobos foi pioneiro nesta prática no Brasil. Mas foram os educadores João Gomes Júnior e Carlos Alberto Gomes Cardim, que atuaram na Escola Caetano de Campos, na capital paulista, e os irmãos Lázaro e Fabiano Lozano, com atividades junto à Escola Complementar (posteriormente, Escola Normal) em Piracicaba, os primeiros a estabelecerem o canto

orfeônico no ensino. O objetivo do método trabalhado por eles era renovar a Educação Musical oferecida pelos conservatórios e, por meio da inserção da Música no sistema público de ensino, popularizar o saber musical. Essas iniciativas, de certa forma, introduziram o canto orfeônico na sociedade e fortaleceram o projeto de Villa-Lobos que aconteceria nos anos seguintes. Neste período, o Brasil vivia o ideal nacionalista em sua plenitude. O Modernismo, que teve a figura de Mário de Andrade também como crítico musical, era uma corrente estética consolidada e que predominou no País até meados da década de 1940. Esse movimento, entre outras ideias, pregou a busca por uma identidade musical nacional. Ao mesmo tempo (meados de 1930), as iniciativas de canto orfeônico de Villa-Lobos começavam a ser conhecidas em São Paulo, cidade onde o compositor se instalou após a chegada de uma temporada na Europa.

Assim, de 1930 à 1960, vigorou o projeto do Canto Orfeônico nas escolas públicas brasileiras, a partir do Decreto Federal nº 19.890, de 18 de abril de 1931, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, ofertando o ensino de Música aos alunos sob a metodologia de Canto Coral. Já em 1961, foi instituída a Educação Musical nas escolas, em substituição ao Canto Orfeônico, mediante a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) nº 4.024, que, assim como as demais que vieram posteriormente, visou um ensino de Música mais acessível e democrático. Segundo Quadros Jr. e Quiles (2012), é possível que a proposta curricular dessa LDB seguia o disposto no Decreto 51.125, de 1961, estabelecendo uma Educação Musical que visava proporcionar aos estudantes novos recursos e possibilidades de criação musical, estruturando os conteúdos para todos os níveis educacionais da época. Além disso, eram trabalhadas as propostas de diferentes métodos que estavam sendo difundidos na Europa, que defendiam a Música sendo sentida, tocada e dançada, e não apenas cantada, como acontecia no Canto Orfeônico (CÁRICOL, 2012; FARIA, 2011; MARIANAYAGAM; VIRIATO, 2013).

Em 1971, foi sancionada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5.692, a qual excluiu o ensino das linguagens artísticas de maneira individualizada nas escolas, englobando todas elas em um só componente curricular, a Educação Artística, devendo não privilegiar, mas buscar a valorização de cada uma e exigindo um só professor com o conhecimento de todas as linguagens artísticas (CÁRICOL, 2012; MARIANAYAGAM; VIRIATO, 2013). Nesse momento, os resultados para educação e para o ensino da Música, em especial, foram insatisfatórios:

Esta experiência trouxe resultados problemáticos e não contribuiu para o estabelecimento de uma proposta consistente para as Artes na educação. Uma das consequências foi a superficialização de conteúdos artísticos na escola, e outra foi o desaparecimento da Música na escola, já que as Artes Plásticas se estabeleceram como área hegemônica nos sistemas educacionais, em detrimento das outras manifestações artísticas [...] (MARIANAYAGAM; VIRIATO, 2013, p. 268).

Cáricol (2012) enfatiza ainda que as artes perderam o estado de disciplina na educação básica, reduzindo-se apenas a uma atividade artística, ao que demonstrava o parecer do Conselho Federal da Educação, que a definia como uma área muito generosa e sem contornos fixos, variando à tendências e interesses, mas não como disciplina, enfraquecendo assim seu ensino.

A partir dos contextos histórico e político de reforma do Estado brasileiro com a promulgação da Constituição Federal em 1988, as ações de ajuste das políticas educacionais se fortaleceram. Em 1996, foi homologada a LDB nº 9.394, na qual a Arte, e não mais Educação Artística, vem como componente curricular obrigatório na educação básica. A recomendação novamente era de um ensino que considerasse todas as linguagens artísticas (CÁRICOL, 2012; MARIANAYAGAM; VIRIATO, 2013).

Como suporte a esta Lei, foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a fim de referenciar a atuação do professor em sala de aula, visando uma abordagem nacional comum. O sexto volume dos PCN's é voltado para o ensino de Artes, “no qual as sugestões de como deve se trabalhar a arte nas escolas, enfatizam nas funções específicas de cada uma das artes (música, dança, teatro e artes plásticas), a fim de reconhecer os campos específicos dessas áreas” (FARIA, 2011, p. 23).

Uma análise geral sobre as mudanças no sistema educacional mostra a nova LDB e os PCN's comparados a “uma verdadeira revolução na educação”. Em se tratando do ensino de Artes, “tais medidas indicavam um movimento de valorização das linguagens artísticas e o despertar de uma cultura mais democrática, em que os valores como diversidade, sensibilidade e cidadania fossem levados em consideração” (CÁRICOL, 2012, p. 25-26). Entretanto, Marianayagam e Viriato (2013, p. 269-270) comentam que o texto dos PCN's apresenta:

vários problemas de fundamentação e concepção de arte e música [...]. Sendo estabelecidos como prioridade, então, os conteúdos mínimos, ler, escrever e contar, os conteúdos de Artes, de maneira geral, e de Música, em especial, são deixados em segundo plano.

Assim, no período de 2000 a 2008, acontece uma mudança geral na educação brasileira, com a adoção da concepção da escola como meio de formação do cidadão, atuando como construtora e transformadora da realidade social. A promulgação da Lei complementar de nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, ampliou a LDB nº 9.394, tornando a Música um conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular Arte na educação básica. Para tanto, foi estabelecido um prazo de três anos para que os centros educacionais brasileiros pudessem se adaptar à legislação e efetivar a sua implementação.

Autores como Figueiredo e Meurer (2016), Vecchini (2016), Silva (2014a), Marianayagam e Viriato (2013) e Faria (2011) ressaltam que, mesmo diante da expiração do prazo de implantação da Lei complementar em questão, a presença da Música nos sistemas de ensino permaneceu precária. Devido às lacunas deixadas pela legislação, foi crescente o número de críticas recebida por essa Lei. Em primeiro lugar, uma crítica frequentemente deferida por profissionais da educação musical diz respeito à não exclusividade do componente, o que, na opinião de muitos destes, acenaria como um suposto retorno do ensino de artes de forma polivalente. Em segundo lugar, muitas das discussões giravam em torno da necessidade de uma formação específica do professor de Música, uma vez que a legislação abria margem para que qualquer pessoa lecionasse o conteúdo, independente do seu conhecimento na área (CÁRICOL, 2012).

Diferentes experiências de inserção da Música nas escolas analisadas por Cáricol (2012), mostram que a falta de qualificação do professor foi um dos motivos mais influentes para o fracasso de tais iniciativas. Considerando esse contexto, Silva (2014b, p.11) conclui que “embora a Lei complementar de nº 11.769/2008 tenha instituído a Música como conteúdo obrigatório para a educação básica, ainda permanece em nossa sociedade, a discussão acerca da importância e do lugar deste conhecimento no currículo escolar”.

Acompanhando os andamentos do campo musical, outras linguagens artísticas decidiram também reivindicar reconhecimento e espaço dentro da educação básica. Assim, em 2016 foi sancionada a Lei complementar de nº 13.278,

que ampliou a obrigatoriedade de ensino para as outras linguagens constituintes do componente Arte (artes visuais, dança, música e teatro), com o prazo de cinco anos para implementação nos sistemas de ensino e formação adequada dos professores para atuação efetiva.

Considerando o vigor da Lei complementar nº 13.278/2016 e encontrando-se ainda no prazo para implementação, Figueiredo e Meurer (2016, p. 536-537), em pesquisa sobre os impactos que a Lei complementar nº 11.7696 deixou sobre a Educação Musical nas escolas, fazem as seguintes considerações, analisando os desafios que lhe caberão:

As mudanças na legislação confluem para a presença obrigatória da Música e das demais linguagens artísticas nos currículos escolares, o que não significa, necessariamente, que tais mudanças estarão nos sistemas educacionais de forma automática. É necessário cada vez mais mobilização tanto de educadores musicais quanto dos cursos de licenciatura que formam estes profissionais no sentido de se conquistar cada vez mais espaço para a Música na escola, sempre em diálogo com outros profissionais da educação, incluindo os administradores escolares. Os desafios são muitos, mas já é possível verificar que em vários contextos escolares a Música vem ganhando espaço, o que pode ser compreendido como resultado de ações propositivas e sistemáticas em nome de uma Educação Musical para todos os que passam pela escola. [...] está em curso uma mudança gradual nos sistemas educacionais. A presença de profissionais específicos das artes nas escolas poderá estar consolidada no futuro, o que certamente demandará ações efetivas e investimentos na educação brasileira. Tais ações já foram iniciadas, e sua continuidade dependerá de esforços coletivos em nome de uma educação de qualidade, garantindo presença de profissionais especialistas na área de Música e nas demais áreas artísticas atuando nos diversos sistemas educacionais brasileiros.

Luiz (2017) aponta que, pesando o fato de que a atividade musical sempre esteve presente no cotidiano da sociedade e subordinada nesta, o que deve ser considerado e focado é que a Música permanece com obrigatoriedade de ensino na educação escolar mediante a Lei complementara nº 13.278/2016.

Diante do contexto legal que envolve o ensino de Música, o reconhecimento de seu espaço e valorização ainda é um processo. Faz-se necessário salientar a entrada da Música no ensino enquanto contribuinte à formação cidadã. Silva (2014b, p. 11) atenta que “[...] cabe a nós, professores e pesquisadores da área de educação musical, apresentarmos justificativas concretas e caminhos possíveis para o ensino de Música nas escolas”.

Porque Música, como costumamos repetir, não pode continuar sendo considerada como uma atividade de caráter meramente estético, pois trata-se de uma experiência multidimensional, um direito humano, que deveria estar ao alcance de todas as pessoas, a partir de seu nascimento e por toda vida (GAINZA, 2008, p. 23).

Destacando a necessidade de embasamento devido para a defesa do ensino da Música e, por consequência, consolidação de seu espaço, para Swanwick (2003, p. 18):

A Música pode ser agradável, pode manter as pessoas afastadas das ruas, pode gerar empregos, pode engrandecer eventos sociais. Mas, por si só, essas razões não são suficientes para justificar a música no sistema educacional. Tampouco oferecem um embasamento filosófico para professores e outros músicos que sabem que aquilo que fazem é importante, mas não sabem como articular o que torna o fazer musical tão válido.

Laterza Filho (*apud* Silva, 2014b, p. 12) afirma que “o movimento da Música para a Educação [...] trata-se, antes, de, pela Música e pela formação musical, estabelecer e construir novas consciências”. Justificando a importância da Educação Musical na educação básica, Luiz (2017) registra que:

A atividade musical pode promover, no indivíduo, as noções de respeito ao grupo e a si mesmo, desenvolver a concentração, a escuta, a criatividade, a expressão, além de fornecer-lhe subsídios para o desenvolvimento de um pensamento crítico.

A Educação musical, realizada de forma consistente, ou seja, aquela capaz de colocar o aluno em contato com a diversidade musical brasileira, buscando o seu desenvolvimento e a ampliação de seu universo musical, pode auxiliar no desenvolvimento global desse aprendiz (LUIZ, 2017, p. 21-22).

Ainda nesse âmbito, Silva (2014b, p. 13) acrescenta que “[...] a Música deve ser ensinada na escola e/ou em qualquer outro contexto por ser fundamental e inerente à vida de qualquer ser humano”. Ainda que não seja uma linguagem universal, diante da diversidade de expressões, usos e fins que ocupa em variados contextos culturais, a Música é, sem dúvida, um “veículo universal de comunicação, pois não se tem registro de qualquer grupo humano que não realize experiências musicais como meio de contato, apreensão, expressão e representação de aspectos simbólicos culturais” (Queiroz *apud* SILVA, 2014b, p. 13).

De forma abrangente, Luiz (2017, p. 23-24) expõe o caráter social da Educação Musical e seu desenvolvimento enquanto conteúdo do currículo escolar:

A atividade musical é um modo de manifestar a cultura, sendo fundamental no desenvolvimento social. Por meio da cultura, é possível transformar as realidades de diversas parcelas da sociedade. A Música é parte do patrimônio cultural da humanidade que permite aos indivíduos exteriorizar e compartilhar seus conhecimentos e afeições. Isso vai além dos benefícios cognitivos. Garantir um espaço para a Arte na educação significa valorizar a forma artística e promover o acesso a esse bem cultural.

Ressaltamos que o lugar desse conteúdo na educação se relaciona à diversidade e à possibilidade de ampliar o universo musical do aluno. Estando a Música presente no currículo como conteúdo de uma área, é necessário que seu ensino seja capaz de auxiliar no desenvolvimento cognitivo e motor, bem como na socialização, experimentação, expressão e desenvolvimento do pensamento crítico. [...] é fundamental que a Educação Musical considere a cultura do aluno e, a partir daí, introduza músicas e ritmos variados (LUIZ, 2017, p. 23-24).

Saber articular o que torna o fazer musical válido (o embasamento devido acerca de seu papel na educação), vem refletir em vários aspectos, como também na metodologia aplicada e na definição de conteúdos a serem trabalhados, a fim de que a Educação Musical alcance seu devido lugar de importância no sistema educacional básico. Nisto, destaca-se ainda a impreterável necessidade de atentar para o público-alvo do ensino — alunos do Ensino Médio, no caso do presente trabalho— de forma a alcançar o espaço da Educação Musical, incluindo os objetivos estabelecidos para a mesma, pelas documentações regulamentadoras da educação básica nacional. Tais determinações influentes diretas da Educação Musical serão abordadas a seguir.

### **3 MÚSICA NO ENSINO MÉDIO**

Tratando-se especificamente do Ensino Médio, como o público contemplado com o ensino da Música na presente experiência, faz-se necessário o estudo de detalhamentos como a linguagem voltada para esta faixa etária. Elementos como os gostos musicais, os conteúdos e as atividades de maior interesse dos adolescentes, os conhecimentos musicais prévios, o ambiente cultural de nosso país e próprio de cada aluno, se tornam fundamentais no trabalho pedagógico-musical. Tais elementos estão presentes nos documentos norteadores

do Ensino Médio, apontando as competências (conhecimentos, procedimentos e atitudes) a serem desenvolvidas em sala de aula.

É importante destacar que o Ensino Médio está estruturado e definido como parte da Educação Básica na LDB, conferindo a isto caráter de norma legal:

[...] o Ensino Médio passa a integrar a etapa do processo educacional que a Nação considera básica para o exercício da cidadania, base para o acesso às atividades produtivas, para o prosseguimento nos níveis mais elevados e complexos de educação e para o desenvolvimento pessoal, referido à sua interação com a sociedade e sua plena inserção nela [...] (BRASIL, 2000a, p. 9).

Analizando as legislações educacionais anteriores, pode-se dizer que o Brasil antigamente tinha um ensino descontextualizado, compartimentado e baseado no acúmulo de informações. Buscou-se, então, dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitar a compartmentalização, promover a interdisciplinaridade; e incentivar o raciocínio e o aprendizado. O Ensino Médio se estabeleceu como a etapa final da educação básica, alinhada à contemporaneidade, à construção de competências básicas, por meio das quais o educando seja sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho, com vistas ao desenvolvimento do ser como cidadão.

Para orientar a estruturação do ensino em geral — desde os conteúdos a serem ensinados, até a concepção das práticas pedagógicas, relativas às competências – o Ministério da Educação (MEC), elaborou diferentes documentos norteadores para orientação pedagógica das Secretarias de Educação, das escolas e dos professores acerca dos objetivos estabelecidos para a educação brasileira a partir de 1996. Tais documentos foram: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que englobam os Temas Transversais, que correspondem a questões importantes, urgentes e presentes na vida cotidiana, voltadas à compreensão dos direitos e responsabilidades sociais, individuais e coletivas; as Orientações Educacionais Complementares aos PCN (PCN+); as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM); e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio (BNCC). Esses documentos foram organizados levando em consideração quatro campos do conhecimento (BRASIL, 2017, 2006, 2000a):

- Ciências Humanas e suas tecnologias: História, Geografia, Filosofia e Sociologia;
- Ciências da Natureza e suas tecnologias: Química, Física e Biologia;
- Matemática e suas tecnologias
- Linguagens e códigos e suas tecnologias: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Física e Arte.

Os PCN's, PCN+ e as OCEM são normas regulamentadoras complementares que surgiram uma após a outra (2000, 2004 e 2006, respectivamente) com finalidade comum de atender às necessidades e expectativas das escolas e professores pela estruturação de um currículo para o Ensino Médio. Referente ao ensino da Música, os PCN's estabelecem como habilidades a serem desenvolvidas, a análise (percepção), a pesquisa (conhecimento e valorização dos autores e produção musical internacional e nacional), a apreciação e a criação (composição e improvisação) (BRASIL, 2000b). Vecchini (2016) destaca ainda que:

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino de Arte, visto como área de conhecimento e linguagem, deve se dar de forma a articular três eixos metodológicos (presentes na proposta triangular de Ana Mae Barbosa), a saber:

- Fruição estética – apreciação significativa da arte e do universo a ela relacionado, leitura, crítica.
- Reflexão: a arte como produto da história e da multiplicidade de culturas.
- Criação/produção em arte – o fazer artístico (VECCHINI, 2016, p. 9).

Os PCN+ dão suporte à determinação e inclusão dos conteúdos, e, consequentemente, à avaliação do aprendizado, baseando-se na determinação de competências e habilidades, a partir de três grandes eixos: representação e comunicação; investigação e compreensão; e contextualização sociocultural. Já as OCEM, resguardam os avanços identificados nos PCN's e trazem orientações para a organização do programa da disciplina de Música no Ensino Médio, a fim de contribuir para o diálogo sobre a prática docente, primando sempre pela qualidade da mesma (BRASIL, 2000a; 2000b; 2006).

A BNCC, como concluinte, dentre as normas regulamentadoras já apresentadas, é o documento referencial norteador do que deve ser ensinado nas

escolas brasileiras, em todas as áreas que compõem a educação básica, dentre elas a Música, enquanto linguagem artística. De acordo com Mansinho (2017), ela define o conjunto orgânico e progressivo das aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver, abordando assim, mais diretamente, quais conteúdos devem ser ensinados, isto é, compor o currículo. Thomazelli (2016) identifica que a BNCC – Ensino Médio dispõe a Música como uma área de conhecimento específico, enquanto linguagem artística, e traz seu sentido de plenitude, enfatizando o cuidado de que, em todos os objetivos, o ensino considere todos os elementos constitutivos da música, além das propriedades sonoras.

Entretanto, vale ressaltar que todos os documentos supramencionados partem da premissa de se considerar sempre não só o contexto de ensino-aprendizagem, mas sobretudo as peculiaridades que tornam o adolescente, público-alvo do Ensino Médio, um grupo bastante heterogêneo, dinâmico e complexo. Dentro do campo da Música, um grande número de pesquisas vêm debatendo questões relacionadas às preferências e gostos que apresentam esse público, com relação à variedade musical que constitui o cenário cultural brasileiro. Sobre isso, Silva (2012) destaca que:

[...] nossos consumos musicais, assim como outros consumos, se dão sim em condições históricas específicas e dialogam com modelos e critérios de legitimidade musical construídos historicamente; no entanto, isso não equivale a dizer que a juventude consome tudo que lhes é 'imposto'. Discursos em defesa de nossos jovens que, suscetíveis a tudo o que 'a mídia' lhes oferece, compram as roupas do astro do momento e ouvem músicas 'impostas' por uma indústria cultural que só valoriza o que é efêmero, têm encontrado grande aceitação ultimamente entre aqueles que criticam as práticas culturais jovens na contemporaneidade. No entanto, os dados levantados nas entrevistas e observações realizadas em campo parecem dar sinais do protagonismo desses jovens na escolha de seus consumos musicais (SILVA, 2012, p. 98).

Silva (2014a) propõe a importância de compreender as preferências musicais dos jovens, considerando os aspectos influentes disto, como os tipos de escuta musicais:

[...] as preferências ou gostos musicais dos jovens precisam ser compreendidos em relação às múltiplas escutas musicais possíveis, independente da "qualidade" musical ou do estilo musical em questão - música clássica, contemporânea, popular, eletrônica,

étnica, folclórica, etc. – isso porque, cada estilo musical pertence a contextos específicos, os quais demandam, antes de mais nada, uma predisposição individual ou coletiva para a escuta a partir dos sentidos que essas músicas possam vir a fazer para cada um de nós (SILVA, 2014a, p. 132)

E tratando-se da escuta musical, Silva (2014b, p. 15) ainda acrescenta que esta “pode e deve ser tomada como uma prática e como uma possibilidade de aprendizagem musical na educação básica”, justificando que:

Propiciar uma “escuta atenta e imersiva” parece ser uma das razões para o ensino de Música aos jovens que frequentam a escola. É tarefa da Educação Musical escolar a valorização da multiplicidade de repertórios musicais e da diversidade de escutas dos jovens, bem como, a sua ampliação e aprofundamento (SILVA, 2014b, p. 18).

Desta forma, essa autora traz a seguinte análise a ser contemplada na Educação Musical:

[...] instigar a “curiosidade e a coragem” dos jovens para conhecer novos sons, novas músicas, bem como revelar suas preferências musicais na escola, talvez sejam dos mais importantes objetivos da aula de Música nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Esses aspectos poderiam (e deveriam) ser pensados através da proposição de atividades de apreciação, de execução e de criação musical de diferentes repertórios advindos de culturas diversas [...] (SILVA, 2014a, p. 132).

Considerando as competências a serem desenvolvidas com o ensino da Música, a partir das determinações das normas regulamentadoras, como também as especificidades do público a ser contemplado, a metodologia aplicada e os conteúdos trabalhados têm reflexo direto disto. E é a vivência prática que permite a análise dessa relação de influências diretas. É através dela que se executam teorias e, se desenvolvem e se modificam conceitos, definições e modelos adaptados à realidade do ambiente escolar e às especificidades do público alvo. Trata-se do conhecimento em ação, propriamente dito. Portanto, a experiência faz-se necessária, como formação, construção e aprendizado.

## **4 RELATO DE EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIA MUSICAL NO CENTRO EDUCACIONAL CIDADE OPERÁRIA I**

A experiência se ambientou na Escola Centro Educacional Cidade Operária I, localizado no bairro da Cidade Operária, na cidade de São Luís do Maranhão. Ela foi realizada como uma vivência pedagógica promovida durante a disciplina de Musicalização III, um dos componentes pedagógicos estruturantes do Curso de Música Licenciatura da Universidade Federal do Maranhão, ministrada pelo professor João Quadros, cuja proposta consistiu em oportunizar aos licenciandos uma primeira experiência, ainda que de curto prazo, com o ensino de música na educação básica. Ela estruturou-se na ministração em duplas de três aulas em uma mesma turma, cada uma delas com duração de 50 minutos. Assim, atuei com uma colega na turma 302 do 3º ano do Ensino Médio, atendendo ao público de 25 alunos.

Inicialmente, foi realizada uma avaliação diagnóstica (conversa) com a professora da disciplina de Artes da escola na qual foi vivenciada a experiência e, posteriormente, com os alunos acerca dos conteúdos trabalhados em Artes até aquele momento anterior a vivência pedagógica – musical. Foi observado que a Música não estava presente enquanto conteúdo da disciplina Arte, sendo lecionados de maneira exclusiva os conteúdos da linguagem de Artes Visuais em função da formação acadêmica da professora da disciplina. Esse diagnóstico sinaliza a evidência do descaso das autoridades em relação à exigência e, especialmente, à fiscalização referente à implementação da Lei nº 11.769/2008.

Foram elaborados três Planos de Aula (apêndice), tiveram como foco os seguintes conteúdos: O som e seus elementos; Melodia; e Ritmo. A escolha dos conteúdos foi baseada nos direcionamentos dos PCN's, PCN+ e OCEM, para o Ensino Médio, constituindo, sobretudo, o que este último documento classifica como “estruturas sintáticas” do código da Música, enquanto linguagem artística. Para tanto, foi elaborado e disponibilizado gratuitamente aos alunos um material didático, que continha os conteúdos a serem ministrados e exercícios práticos para aferição da aprendizagem. Além desse material didático, foram utilizados como recursos didáticos equipamento de som, *notebook*, *pendrive* e *datashow*.

As aulas foram apresentadas de forma objetiva, de modo a permitir aos alunos fácil apreensão e aplicação do conteúdo, em seus estudos cotidianos,

explorando sobretudo o aspecto de linguagem da Música, tal como estabelecem os PCN's, aplicando os procedimentos que destaca Swanwick (2003, p. 69) “[...] (novamente de uma forma análoga à linguagem), a sequência de procedimentos mais efetiva é: ouvir, articular, depois ler e escrever”. A seguir, são relatadas as experiências vivenciadas em cada aula de forma descritiva e analítica.

#### **4.1 Aula 1**

A primeira aula teve como tema “O SOM E SEUS ELEMENTOS”, enfocando a teoria musical básica, apreciação e percepção musical para melhor desenvolvimento da mesma. Nesse primeiro dia de aula, todos estavam bem receptivos. Assim, iniciou-se um diálogo com os alunos fazendo à partir seguintes perguntas:

- O que é Som?
- O que é Música?
- O que é Ruído?

A partir das respostas dos estudantes, íamos construindo os conceitos de cada termo, distinguindo suas propriedades físicas básicas de definição e percepção. Para melhor fixação do conteúdo, atentando para o destaque que Souza (2009, p. 47) faz da “atividade de ouvir música ocupar um lugar central na vida de jovens”, os alunos ouviram a trilha sonora “O som e o sint 1 – Introdução”, de Hélio Ziskind<sup>1</sup>, e a partir desse exemplo e de outros oferecidos pelo autor, concluímos que o som está em qualquer lugar, sendo tudo que nos envolve. Em seguida, buscamos a diferenciação entre Som e Ruído, apresentando, para isso, diferentes exemplos de ambos, valorizando a paisagem sonora disponível na escola naquele momento específico (sons externos: carros, conversas, passos etc.; sons internos: ventiladores, vozes etc.).

De acordo com os OCEM (BRASIL, 2006), o assunto de som e seus elementos, trata das qualidades sonoras, que constituem estruturas morfológicas do código da linguagem musical. Algo importante destacado nesta norma é que o “objetivo do ensino de linguagens é desenvolver as capacidades de produzir textos (emissor) e interpretar textos (receptor)”, sendo, para isso, “importante conhecer os códigos”. Desta forma, o texto em questão é a Música e o código o conteúdo abordado (qualidades sonoras) (BRASIL, 2006, p. 180).

Dando continuidade, foram apresentados os parâmetros do som, explicando cada um:

---

<sup>1</sup> ZISKIND, Hélio. O Som e o sentido: uma trilha para O Som e o sentido. CD integrante do livro, faixa 01. São Paulo, Companhia das Letras, 1999, 285 pp;

- ALTURA: Usou-se o vídeo “Aprendendo Conceitos Musicais”, com Alfred Hitchcock (Aula No.1)<sup>2</sup>. Além disso, foi realizada a apreciação de duas versões da música “Paranauê”, do folclore brasileiro: uma na tonalidade original e outra em uma tonalidade modificada. Isso ajudou aos alunos compreenderem o conceito de altura em Música. Deu-se continuidade ao assunto, usando como exemplo o vídeo “Você ouve bem? Teste seus ouvidos” – Faixas de Frequência<sup>3</sup>, que mostra claramente como as ondas sonoras oscilam de acordo com a frequência dada em *hertz* (Hz). Complementou-se com a explicação do quanto ouvimos, e do quanto não conseguimos ouvir caracterizado por Infrasom e Ultrasom.

É importante frisar sobre a escolha da música “Paranauê”, por ser de boa aceitação, pelo fato de fazer parte da realidade musical da nossa cidade e do Brasil, cumprindo com as exigências de explorar o contexto cultural local e nacional da OCEM, já que essa canção é símbolo da Capoeira. Por outro lado, “Paranauê” é uma palavra de origem indígena muito utilizada para este povo descrever os grandes rios, incluindo o rio Paraná, localizada no sul do Brasil. Isto serviu como mais um atrativo para o assunto abordado de forma objetiva e dinâmica. Observou-se o envolvimento dos discentes, sendo rápida a percepção do parâmetro sonoro trabalhado (BRASIL, 2006; 2017).

- INTENSIDADE: Uma vez trabalhado o conteúdo frequência dentro do conceito de Altura, explicou-se o conceito de intensidade, diferenciando o forte (F) e fraco (f), de acordo a unidade de medida de Decibel (dB), esclarecendo o que, equivocadamente é conhecido por “abaixar” ou “aumentar” o som, usando a fala como exemplo, e apresentando aos alunos uma escala de decibéis, com sons exemplificando aos alunos intensidades de leves à nocivas para o ouvido humano.

A abordagem da altura e intensidade, enquanto qualidades sonoras, despertou nos alunos recordações de conhecimentos que já haviam sido abordados

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zfb0T-3Csm8>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HkzVxwghiik>.

em outra disciplina (Física), o que destaca a possibilidade de integralização de conhecimentos que a Música possibilita e que as normas regulamentadoras da educação propõem.

- **TIMBRE:** Foram usados sons como exemplos, como o som do violão, do ventilador, de forma a demonstrar para os alunos a característica de identificação que este parâmetro possibilita.

Dessa forma, os estudantes rapidamente compreenderam os conceitos estudados, demonstrando isso mencionando diferentes exemplos, falando o som de algo, objetos próximos, sons cotidianos, batendo na mesa ou cadeira, etc.

- **DURAÇÃO:** Esse parâmetro foi exemplificado utilizando a voz, os instrumentos musicais e os objetos disponíveis no momento da aula. Assim, foram executados diferentes tipos de sons curtos e longos, utilizando também quatro figuras musicais nos exercícios para esse parâmetro: mínima, semínima, colcheia e semicolcheia. Decidimos não aprofundar o ensino da gramática musical em função do pouco tempo disponível para a vivência.

A utilização dos diversos canais sonoros presentes naquele momento como fontes musicais para exemplificar esse último elemento sonoro abordado se encaixa no que propõe a OCEM (BRASIL, 2006, p.194) de que “os materiais, os suportes e os veículos de criação musical são tantos quanto a imaginação e a sensibilidade inventiva puderem conceber”.

Depois de apresentado o conteúdo, foi feita uma síntese da aula, com os estudantes participantes. Ainda em sala de aula, foi resolvida uma das questões da atividade no material didático, como incentivo, e as demais foram passadas para serem feitas em casa. Infelizmente, não foi possível concluir a aula com a atividade prática, devido ao tempo, mas, como ainda haveriam dois encontros com eles e os assuntos que seriam abordados estavam interligados, deu-se continuidade no momento seguinte.

Concluiu-se que nessa primeira aula os alunos responderam com grande envolvimento e participação, dando exemplos, contextualizando com as suas próprias vivências musicais, confirmado o que Del-Ben (2012) demonstra em seu trabalho de que os alunos desejam envolver-se na aula e não simplesmente receber conteúdos, mas sim serem participantes do processo de ensino.

#### **4.2 Aula 2**

Iniciou-se com um breve resumo do conteúdo abordado na aula anterior. Seguiu-se com uma atividade prática de identificação dos parâmetros sonoros (altura, intensidade, duração e timbre) em um áudio de uma trilha sonora, contendo uma sequência de sons diversos. Após a prática, iniciamos o conteúdo previsto para a 2<sup>a</sup> aula: MELODIA. Construiu-se o conceito de melodia como elemento componente da música, compreendendo-o e fixando-o através de atividade prática baseada totalmente na apreciação de áudios populares, como temas sonoros de filmes e programas de TV, bem como canções de artistas conhecidos, para assim eles identificarem qual a melodia, no caso, de onde vinha tal áudio. Dentre alguns que foram utilizados estão o tema musical do filme “Missão Impossível” e a canção “Happy”, de Pharrell Williams. Ao ouvirem cada áudio rapidamente identificaram, o que tornou para eles o conceito de melodia ainda mais claro.

O sucesso da atividade prática de identificação de melodia utilizando áudios de trilhas sonoras de filmes e programas de TV trouxe à tona o meio musical fortemente influente que cerca a juventude, pelo avanço tecnológico e a combinação entre as próprias mídias, e que deve ser considerado na Educação Musical, que torna maior a divulgação e consumo musicais, como destaca Souza (2009, p.50):

No plano técnico a digitalização das mídias torna obsoleta a distinção entre diversos aparelhos uma vez que textos, sons, imagens estão presentes na mesma forma técnica e podem ser trabalhados da mesma maneira. [...] Com isso dissolvem-se, tanto do lado da produção, como no lado da assimilação, os limites entre as diversas mídias, o que acarreta uma maior divulgação e consumo de músicas.

Dando seguimento à aula, trabalhou-se o conceito de pauta ou pentagrama, mostrando o lugar de cada nota musical segundo a clave de Sol. Isto conformou-se como um desafio enorme, pois o pouco tempo de aula não seria

suficiente para fixar e aprofundar tal conhecimento, sendo possível abordar apenas o básico. A intenção não era que saíssem solfejando as notas logo no primeiro contato, mas que entendessem a disposição das mesmas na pauta. Foram feitas duas questões do material didático que contemplavam justamente o conteúdo. Após a explicação, foi transmitido um vídeo da partitura da canção “Asa branca”, de Luiz Gonzaga, o que consolidou a explicação. Os próprios alunos relataram que o vídeo facilitou muito o entendimento, tornando-se esse também um dos canais de transmissão dos conhecimentos da Música enquanto linguagem.

Depois disso, se discutiu a propriedade que a música possui de despertar sentimentos, tal como os PCN+ (2004, p. 179) consideram a arte como “conhecimento humano articulado da sensibilidade [...]. Os estudantes ouviram a música Sinfonia nº 5, de Ludwig van Beethoven. Foi imediata a reação dos ouvintes, surgindo comentários como: “dá medo!”, “No começo dá um suspense”, “É triste, eu acho!”.

Como atividades práticas, professores cantaram uma sequência de notas e propuseram que os alunos repetissem, para que percebessem o movimento ascendente das notas musicais. Logo, também constataram no que estava sendo cantado, a variação da altura na sequência de notas, de grave e agudo. Além disso, foi realizado o solfejo de algumas canções bem conhecidas, para que os alunos identificassem. Tais atividades estimularam, de forma inicial, o desenvolvimento da “escuta atenta e imersiva” proposta por Silva (2014b), que já é mais analista da música ou fragmento musical ouvido.

Quanto ao material didático, se observou que muitos alunos responderam a atividade, o que demonstrou, de certa forma, esforço, interesse, dedicação e curiosidade em aprender, embora não tivesse nenhuma validade de pontos a nível de notas escolares e, ainda assim, a atenção e interação continuavam. É de fato uma realidade, muitos alunos não estudam somente para sua própria aprendizagem, mas sim para aquisição de nota e, subsequente, aprovação, ao contrário do que aconteceu nessa turma, em que a maioria colaborou tanto para o benefício em dar aula, quanto para seu próprio conhecimento que, com certeza, é útil para toda a vida.

### 4.3 Aula 3

Primeiramente, relembrando os conteúdos já abordados, ressaltou-se, em uma expressão básica e simples, que a melodia ‘caminha’ pelo ritmo, destacando a relação entre os elementos musicais. Uma aluna deu a ideia da canção “Pais e Filhos”, da banda Legião Urbana, a qual cantamos juntos apenas o refrão, destacando o detalhe de que, ao cantar, os estudantes se balançavam e/ou batiam os pés, ainda que discretamente, de acordo com o ritmo, a pulsação da música. Isso possibilitou a construção do conceito de ritmo, bem como de pulsação e de andamento. Os alunos conseguiram assimilar o que estava acontecendo e, com suas palavras, descreveram o que achavam. De fato, a intenção era que eles viessem a perceber o ritmo nas simples coisas do cotidiano. Desta forma, para a consolidação da compreensão, repetiu-se a atividade de canto, marcando o pulso com os pés e o andamento com as mãos.

Em todas as aulas, os alunos eram inquiridos, várias vezes, acerca de dúvidas, ao que, se existentes, reagiam dirimindo-as. É importante ressaltar que, com o tempo que se tinha, era possível explorar mais os conteúdos, aplicando mais atividades, contextualizando, etc.

Deu-se início à segunda etapa da aula apresentando o elemento musical ritmo como parte presente em nossas vidas. Como prova disto, foi passado um trecho do vídeo “FOLI (*there is no movement without rhythm<sup>4</sup>*)” versão original de Thomas Roebers e Floris Leeuwenberg, que registra bem esse fato. Essa atividade ajudou a elucidar sobre o assunto que estava sendo trabalhado, compreendendo que o ritmo envolve e está presente no funcionamento do nosso organismo (os batimentos do coração) como também em nosso dia a dia (os passos do caminhante, o barulho do comboio nos trilhos, etc.). Assim, concluímos o raciocínio dessa segunda etapa enfatizando que o ritmo tem grande importância para a vida humana, estipulando como objetivos da aula:

- Desenvolver a capacidade física do indivíduo, nos aspectos do equilíbrio, da saúde e da qualidade de vida;
- Desenvolver o ritmo natural.

---

<sup>4</sup> Não há movimento sem ritmo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IVPLIuBy9CY>

E, por fim, a terceira etapa da aula foi à apreciação de diferentes vídeos de uma mesma música, “Carcará”, de João do Vale e José Cândido, estabelecendo diferenças rítmicas:

- VIDEO I: Chico Buarque e João do Vale – “Carcará” (1982)<sup>5</sup>. Mostrou-se apenas um trecho, explicando o ritmo Baião, que, primeiramente foi reproduzido junto com a música, usando percussão corporal e, posteriormente, pediu-se aos alunos fizessem conosco. Porém mesmo com entusiasmo, a timidez interferiu, à princípio.
- VIDEO II: E, ainda na análise dos ritmos, assistiu-se ao vídeo do grupo musical de Percussão Corporal, Barbatuques (Carcará - Barbatuques | Corpo do Som<sup>6</sup>), que fazem música usando como um dos principais recursos o corpo, como elemento sonoro e musical.

Observou-se a repleta atenção, o momento que assistiam, já tentando repetir os ritmos no corpo discretamente e, à medida que o vídeo passava, em alguns momentos foi comentado que tipo de ritmo estavam emitindo, no caso, usaram a música Carcará e, além do Baião, colocaram outros ritmos como o Hip Hop ( Rap), o Funk dando uma nova roupagem na música.

Por fim, após os vídeos, foi dirigida uma atividade prática de percussão corporal, e, mais uma vez, a timidez atrapalhou os alunos. Após alguns minutos de conversa e faltando pouco tempo para o término da aula, eles se organizaram da forma solicitada, de pé e em círculo, e ,sendo nós, discentes da UFMA, enquanto regentes, começaram todos juntos fazendo o ritmo do Baião, depois, voluntariamente, os alunos foram convidados a improvisar com outros ritmos, como o do Hip Hop, Funk, etc., sobretudo respeitando o que atenta a OCEM (2004, p.195) sobre o contexto musical do público alvo: “as experiências musicais dos adolescentes são variadas. O ensino de Música também deve ser construído tendo em vista o contexto e as características da escola e da região em que está situada”.

Aqui foi aplicada a “escuta a partir de atividade pontual e com objetivos claramente definidos” (a prática do conteúdo ministrado em aula), tal como sugere

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4L0DInKUnzc>

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9GuvFw9f\\_XQ](https://www.youtube.com/watch?v=9GuvFw9f_XQ)

Silva (2014b) a fim de se desenvolver o ensino musical aos jovens, apresentando repertório que não lhes é comum, cotidiano, expandindo seu conhecimento, explorando a cultura local e nacional.

## 5 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Foi realizada uma avaliação final, na conclusão da vivência, que continha seis questões de caráter subjetivo e objetivo, com duração total de 20 minutos. A avaliação era composta pelas seguintes questões:

### AVALIAÇÃO FINAL

1. Marque a resposta Verdadeiro (V) ou Falso (F): (3 pontos)

( ) Em resumo, as definições dos elementos sonoros são: Duração é o tempo de produção do som / Intensidade é a propriedade do som ser mais fraco ou mais forte / Altura é a propriedade do som ser mais grave ou mais agudo/ Timbre é a qualidade do som, permite reconhecer a sua origem.

( ) Melodia é formada pela sucessão organizada de notas individuais originando frases musicais.

( ) Pauta também chamada de Pentagrama é o conjunto de linhas onde se escreve as notas musicais. Sua estrutura tem 5 linhas, formando 4 espaços.

( ) O Ritmo não faz parte da vida do Ser Humano.

( ) O andamento musical pode ser lento, moderado ou rápido.

( ) Segundo Bohumil Med a Música é a “arte de combinar os sons simultânea e sucessivamente, com ordem, equilíbrio e proporção dentro do tempo”.

2. Marque um X na resposta correta: as vibrações sonoras se propagam em? (1 ponto)

( ) Ondas Eletromagnéticas

( ) Ondas de Raio X

( ) Ondas Sonoras

( ) Ondas Ultravioletas

3. Marque a opção que relaciona apenas sons irregulares (ruídos). (1 ponto)

( ) Violino, flauta, vento, mar.

( ) Tambor, violão, teclado e piano.

( ) Vento, som de automóvel, chuva e mar.

( ) Piano, violão, guitarra e chuva.

4. Observe a célula musical a seguir e escreva o nome das notas musicais que aparecem (1 ponto).



5. Com suas palavras responda: qual a importância do ritmo para a sua vida? (2 pontos)

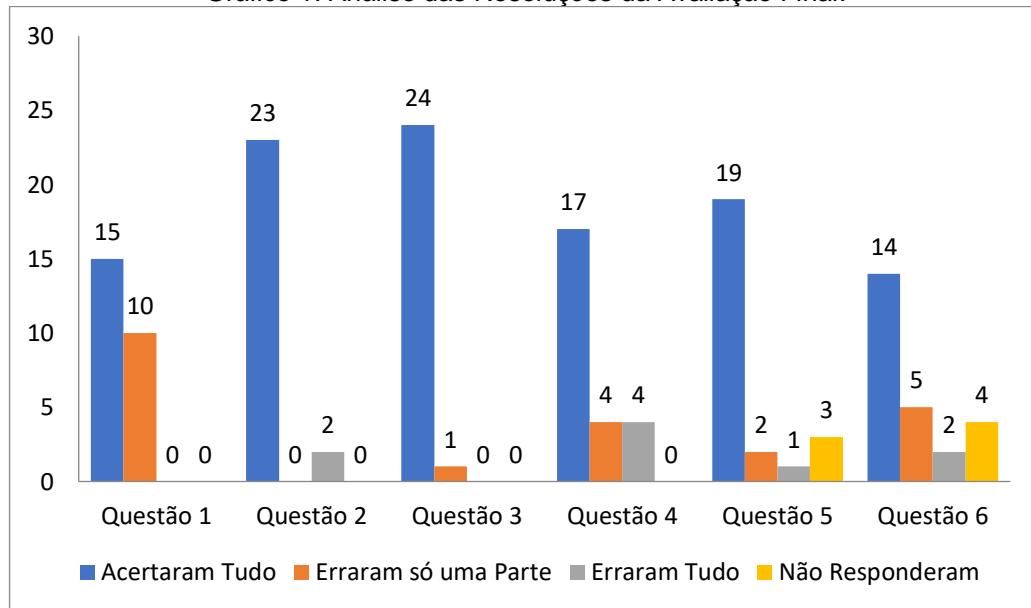
6. Defina e diferencie, de forma breve e simples, os termos **Pulsação** e **Andamento**. (2 pontos)

Tal etapa foi realizada para uma análise da aprendizagem dos alunos, ainda que em conceitos teóricos simples, pois como Swanwick (2003, p. 80) destaca, “a avaliação musical genuína é a chave para uma Educação Musical efetiva”. Dessa forma, a mesma também gerou análise sobre o ensino musical realizado.

Pela reação dos alunos constatou-se que o tempo dado foi curto, pois os mesmos praticamente responderam com certa pressão de ter que terminar no período estipulado. Sem contar que deve ser considerado o desenvolvimento cognitivo de aprendizagem de cada um, pois todos tem seu tempo de assimilação e abstração dos conteúdos abordados, como observa Swanwick (2003, p. 89) que “complexidade obviamente relaciona-se com a espécie de trabalho em foco, mas isso depende também da resposta individual de cada pessoa”. Ainda assim, os resultados analisados apontam uma aprendizagem significativa, levando em consideração o período curto de vivência musical.

O gráfico abaixo apresenta o detalhamento, em colunas, dos resultados obtidos pelos estudantes em relação às questões avaliativas.

Gráfico 1. Análise das Resoluções da Avaliação Final.

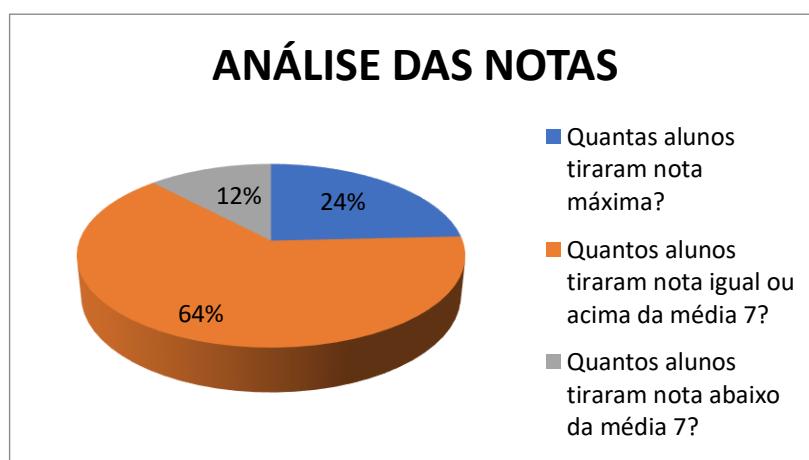


Fonte: Acervo da autora.

A análise posterior das resoluções da avaliação final, acerca alunos que erraram questões, constatou-se que os mesmos estiveram ausentes em uma das três aulas ministradas à turma.

A estatística do aprendizado, de acordo com a avaliação final, é de 24% dos alunos com nota máxima, sendo que 64% apresentaram nota entre 7 e 9 pontos, indicando que houve um aproveitamento favorável dos conteúdos vivenciados (88% de aprovação). Por outro lado, 12% obtiveram notas abaixo da média estabelecida (7,0 pontos). Esses resultados podem ser observados no gráfico abaixo.

Gráfico 2. Análise das Notas da Avaliação Final.



Fonte: Acervo da autora.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência vivenciada, ainda que por um curto período de tempo, não deixa de ser proveitosa, contribuindo para a formação e capacitação profissional enquanto licencianda em Música, sendo inerente a compreensão da relação de confluência dos aspectos metodológicos, de conteúdo, propriamente dito, e de público a ser alcançado, enquanto valorizadores, direcionadores e contempladores da Educação Musical satisfatória.

Em se tratando de Educação Musical satisfatória, a começar pela relação dos jovens como público-alvo no ensino, com a escola, o conceito de educação que possuem, sua cosmovisão social e cultural, é algo que não pode ser desconsiderado, pois “tratar da Educação Musical no Ensino Médio nos exige pensar, de um lado, sobre os jovens e suas relações tanto com a Música quanto com a escola e, de outro, sobre a escola que queremos e que podemos construir para esses jovens” (DEL-BEN, 2012, p. 38).

Aí seguem as normas regulamentadoras da educação vigentes, fazendo total diferença como norteadoras das habilidades a serem desenvolvidas com o ensino da Música, consecutindo na determinação dos conteúdos explorados (estruturas morfológicas e sintáticas do código da linguagem musical), ratificando o que ressalta a OCEM (BRASIL, 2004, p. 194) de que “qualquer estrutura pode ser desencadeadora de um processo de aprendizagem musical”, e nas metodologias utilizáveis.

Considerando o curto período da vivência, ainda assim, o conteúdo abordado e a metodologia usada foram suficientes para a compreensão básica do conceito de ritmo e suas respectivas características e importância no convívio social.

O objetivo do trabalho realizado não era gerar conceitos prontos, mas abrir o espaço escolar para a Música, oferecendo aos alunos a possibilidade da Educação Musical, experimentando cada explicação e cada exemplo dado, analisando a geração de bons resultados e receptividade ou não. Nisto, se destaca a responsabilidade do professor nessa tarefa:

[...] ampliar o conhecimento musical dos jovens a partir da compreensão das relações que estes mantêm com as músicas que consomem, com as novas tecnologias para promover o aprofundamento da escuta a partir de atividades pontuais e com objetivos claramente definidos são algumas indicações possíveis

para a prática diária dos educadores musicais que pretendem ensinar Música aos jovens na escola. Cabe a nós, professores e pesquisadores, propor atividades de escuta, planejá-las a partir de estratégias desafiadoras e realizar pesquisas que tragam novos dados para pensarmos a educação musical para o Ensino Médio, e assim, justificarmos a importância da aula de música para esse segmento (SILVA, 2014b, p. 19).

Tudo isto traz à tona o posicionamento que o ensino da Música tem atualmente na escola brasileira. É necessária a dedicação e busca constante do devido espaço para a educação musical, considerando sua contribuição no processo de formação integral do indivíduo que a escola deve proporcionar, tal como destacam os documentos legais, de regimento da educação básica nacional.

[...] chamar a atenção para questões sociais presentes nos discursos sobre Música dos quais nós, educadores musicais (se não os professores de qualquer área), temos de lidar em nosso cotidiano. As possibilidades de relações com os mais diferentes temas das mais diversas áreas me parecem incontáveis, e aí se instauram novas e importantes brechas para se explorar outras abordagens (SILVA, 2012, p.102).

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular:** Ensino Médio. Brasília: MEC, 2017. 154 p. Disponível em:  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC\\_EsinoMedio\\_embaixa\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EsinoMedio_embaixa_site.pdf). Acesso em: 09 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio):** Linguagens, Códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2004. 241 p. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018

\_\_\_\_\_. **Orientações curriculares para o Ensino Médio:** Volume 1. Brasília: MEC, 2006. 240 p. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf). Acesso em: 12 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio):** Parte I - Bases Legais. Brasília: MEC, 2000a. 109 p. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio):** Parte II - Linguagens, Códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000b. 71 p. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf). Acesso em: 12 dez. 2018

CÁRICOL, K. Panorama do ensino musical. In: JORDÃO, Gisele et al. **A Música na Escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 19-39. Disponível em: <http://www.amusicanaescola.com.br/pdf/AMUSICANAESCOLA.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

DEL-BEN, L. Educação Musical no Ensino Médio: alguns apontamentos. **Música em perspectiva**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 37-50, mar. 2012. Disponível em:  
<https://revistas.ufpr.br/musica/article/view/30141/28673>. Acesso em: 06 dez. 2018

FARIA, M. A. **Canto coral:** um estudo sobre a prática do canto na escola. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011. Disponível em:  
<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/1816>. Acesso em: 07 set. 2018.

FIGUEIREDO, S. L. F.; MEURER, R. P. Educação musical no currículo escolar: uma análise dos impactos da Lei nº 11.769/08. **Opus**, v. 22, n. 2, p. 515-542, dez. 2016. Disponível em:  
<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/download/414/391>. Acesso em: 13 jan. 2019.

GAINZA, V. H. Prefácio. In: FONTERRADA, M. T. O. **De Tramas e Fios**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2008. p. 19-23.

LUIZ, R. O. D. **O ENSINO DE MÚSICA NA REDE MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA: impasses na implantação da Lei nº 11.769/2008**. 2017. 115 p. Dissertação (Programa de Pós-graduação em educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/6496/1/renataoliveiradominguesluiz.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2019.

MANSINHO, A. Base Nacional Comum Curricular – Aula Zero – Série Legislação Educacional. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qkWfiBufts>. Acesso em: 12 dez. 2018.

MARIANAYAGAM, C. A. S.; VIRIATO, E. O. A obrigatoriedade do ensino de música na educação básica brasileira: uma análise do processo histórico-político. **Revista Travessias**, Cascavel - PR, v. 7, n. 1, p. 264-280, 2013. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/7793/6293>. Acesso em: 10 jan. 2019.

OLIVEIRA, E. A. M.; FALK, J. E. W. M.; CARVALHO, M. P.; GONÇALVES, E. N. C. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, formação docente e a gestão escolar. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 26., 2013, Recife. **Anais...** Recife: ANPAE, 2013. p. 1-13. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/EduardoAugustoMosconOliveira-ComunicacaoOral-int.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

QUADROS JR., J.; QUILES, O. Música na Escola: uma revisão das legislações educacionais brasileiras entre os anos 1854 e 1961. **Revista Música Hodie**, Goiânia, V.12 - n.1, 2012, p. 175-190.

SILVA, H. L. Mediando as escutas musicais dos jovens: Uma proposta para a Educação Musical na escola regular. **Revista Reflexão e Ação**, v. 22, n.1, p. 122-147, 2014a. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/4469/3288>> Acesso em: 17 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. O ensino de Música no ensino médio: Reflexões a partir do projeto PIBID Música UEMG. **Revista Nupeart**, Santa Catarina, v. 12, p. 11-21, 2014b. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/5787/3913>> Acesso em: 06 dez. 2018.

SILVA, R. R. O que faz uma música "boa" ou "ruim": critérios de legitimidade e consumo musicais entre estudantes do ensino médio. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 20, n. 27, p. 93-104, jan./jun. 2012.

SOUZA, J.; TORRES, M. C. Maneiras de ouvir música: uma questão para a educação musical com jovens. **Música na educação básica**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 46-59, out. 2009.

SWANWICK, K. **Ensinando música musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

THOMAZELLI, P. P. **O sentido de música no BNCC**. Blumenau, 2016. Reflexão proposta no curso de Mestrado da FURB sobre o documento proposto pelo MEC na ótica de Bakhtin, Universidade Regional de Blumenau.  
Disponível em: <https://prezi.com/jvi1vpumlny/o-sentido-de-musica-no-bncc/> Acesso em: 12 dez. 2018.

VECCHINI, F. Z. **Educação Musical no Ensino Médio, uma proposta**. 2016. 24 p. Artigo (Mestrado Profissional em Artes) – Instituto de Artes – Campus São Paulo, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2016.  
Disponível em:  
[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143482/vecchini\\_fz\\_me\\_ia.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143482/vecchini_fz_me_ia.pdf?sequence=3&isAllowed=y) . Acesso em: 09 dez. 2018.

**APÊNDICE – Planos de Aula**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA  
DISCIPLINA DE MUSICALIZAÇÃO III - ENSINO MÉDIO  
PROFº JOÃO QUADROS

CARLA MARCELA GOMES LIMA  
VALÉRIA CHRISTIAN

Duração: 50 minutos.

Público: Ensino Médio

<b>PLANO DE AULA</b>	
CRONOGRAMA	<i>Aula 01</i>
OBJETIVO GERAL	<i>O Som e seus elementos</i>
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none"><li>✓ <i>Construir os conceitos de “música” e de “som”, distinguindo suas propriedades físicas básicas de definição e percepção;</i></li><li>✓ <i>Apresentar os elementos característicos do som (altura, intensidade, timbre e duração), compreendendo-os e fixando-os através de atividades práticas.</i></li></ul>
CONTEÚDO	<ul style="list-style-type: none"><li>✓ <i>Teoria musical básica;</i></li><li>✓ <i>Apreciação e Percepção musical.</i></li></ul>
ESTRATÉGIAS	<ul style="list-style-type: none"><li>✓ <i>Iniciar com uma conversa/discussão sobre o quê os alunos conceituam como “música” e como “som”;</i></li><li>✓ <i>Explicar, de forma básica, as características físicas e distintivas do “som”, exemplificando através de um vídeo, as “vibrações sonoras regulares e irregulares”;</i></li><li>✓ <i>Apresentar e explicar cada um dos elementos do som (Altura, intensidade, timbre e duração), bem como exemplificá-los através vídeos, áudios e</i></li></ul>

	<p>práticas (atividade do reconhecimento vocal, na qual um aluno é escolhido para, de olhos vendados, reconhecer a voz de outro, designado pela turma, para compreensão do parâmetro sonoro do “timbre”);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar a seguinte atividade prática com os alunos:           <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <u>Atividade:</u> Será colocado um áudio de uma miscelânea de sons e ruídos, para que os alunos identifiquem os elementos sonoros próprios de cada um, classificando-os junto à uma tabela com as seguintes distinções: Forte, fraco, longo, curto, agudo, grave e que som ou ruído é;</li> </ul> </li> <li>○ Como conclusão da aula, será aplicado o questionário, presente no material didático desenvolvido e trabalhado, a fim de avaliar o aprendizado dos alunos, da aula.</li> </ul>
RECURSOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Material didático;</li> <li>✓ Tabelas de classificação (atividade prática);</li> <li>✓ Equipamento de som e seus respectivos conectores;</li> <li>✓ Pendrive e/ou notebook;</li> <li>✓ Pincel para quadro branco;</li> <li>✓ Quadro Branco;</li> </ul>

PLANO DE AULA	
CRONOGRAMA	Aula 02
OBJETIVO GERAL	Elementos da Música: Melodia
OBJETIVO ESPECÍFICO	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Construir o conceito de "Melodia", como elemento componente da música, compreendendo-o e fixando-o através de atividade prática;</li> <li>✓ Identificar as características da "melodia", como</li> </ul>

	<p><i>elemento musical tão marcante e presente em nosso cotidiano, e suas relações com os elementos do som (estudados na aula anterior);</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <i>Identificar as notas musicais e sua localização na pauta;</i></li> </ul>
CONTEÚDO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Teoria musical básica;</i></li> <li>✓ <i>Apreciação e Percepção musical;</i></li> <li>✓ <i>Execução e improvisação musical.</i></li> </ul>
ESTRATÉGIAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <i>Iniciar com uma conversa/discussão sobre o quê os alunos entendem por "melodia";</i></li> <li>✓ <i>Construir o conceito teórico de "melodia", enquanto elemento musical;</i></li> <li>✓ <i>Distinguir as características da "melodia", relacionando-a como elemento de distinção e percepção de elementos sonoros, e como elemento que torna a música marcada na memória, a partir de exemplos em áudios/vídeos de temas musicais de cinema, tv, arte, etc.;</i></li> <li>✓ <i>Identificar, de forma breve, as notas musicais e suas respectivas localizações na pauta musical;</i></li> <li>✓ <i>Realizar as seguintes atividades práticas com os alunos:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Atividade 1: Elevador Sonoro</i> (reunir o grupo de pé, em círculo, e propor uma investigação sobre como podemos movimentar a voz; apresentar os conceitos de grave – com os braços apontando para baixo – e agudo – com os braços apontando para cima, para exemplificar, pedir aos alunos que imaginem a voz funcionando como um 'elevador' sonoro; sendo o regente, o professor começa do 'andar térreo' com todos produzindo, ao mesmo tempo, um som bem grave – braços</li> </ul> </li> </ul>

	<p>apontando para baixo – sem uma altura específica definida; ao movimentar os braços continuamente para cima, os alunos devem tentar acompanhar com a voz este movimento ascendente – do grave para o agudo; em seguida, o 'elevador' inicia sua descida, com a voz acompanhando novamente o movimento dos braços, agora para baixo – do agudo para o grave; varia-se a atividade, escolhendo 'regentes' diferentes a cada vez; o regente pode parar os braços em diferentes pontos do movimento, de subida ou descida, e o grupo deve manter o som na altura em que estiver cantando; em seguida, divide-se o grupo com dois ou mais regentes simultâneos.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <u>Atividade 2:</u> Pedir ao grupo uma sugestão de uma canção ou um trecho musical simples, que todos saibam cantar. propor que cantem apenas utilizando como letra a expressão 'hum' com a boca fechada; levantar questionamentos (ainda assim identificamos a música? O que é isso que cantamos e que nos permite identificar a música mesmo com a boca fechada?); em seguida, ao invés de suprimir a letra, modifique os 'movimentos da voz' (alturas) de modo a soar com um desenho melódico diferente do que foi cantado inicialmente; levantar questionamentos (o que mudou agora? Ainda reconhecemos a música?); depois, designar alguns alunos, pedir que escolham uma canção conhecida e a cantem com</li> </ul>
--	---

	<p><i>'hum', no lugar da letra, para que os colegas tentem identificar qual é a canção.</i></p> <p>✓ Como conclusão da aula, será aplicado o questionário, presente no material didático desenvolvido e trabalhado, a fim de avaliar o aprendizado dos alunos, da aula.</p>
RECURSOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Material didático;</li> <li>✓ Equipamento de som e seus respectivos conectores;</li> <li>✓ Pendrive e/ou notebook;</li> <li>✓ Pincel para quadro branco;</li> <li>✓ Quadro Branco;</li> </ul>

PLANO DE AULA	
CRONOGRAMA	Aula 03
OBJETIVO GERAL	Elementos da Música: Ritmo
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Construir o conceito de "Ritmo", como elemento componente da música, muito presente em nosso cotidiano, compreendendo-o e fixando-o através de atividade prática;</li> <li>✓ Perceber a relação existente entre o conceito de "Ritmo" e o corpo humano (pulso, respiração, caminhar, etc.)</li> </ul>
CONTEÚDO	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Teoria musical básica;</li> <li>✓ Apreciação e Percepção musical;</li> <li>✓ Execução musical (sequências rítmicas).</li> </ul>
ESTRATÉGIAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Para a execução dessa aula ligada inteiramente à prática a sala ficará em círculo.</li> <li>✓ Iniciaremos com a apreciação dos seguintes vídeos: <ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>FOLI (there is no movement without rhythm)</i> original version by Thomas Roebers and Floris Leeuwenberg.</li> </ul> </li> </ul>

	<p>- Carcará - Barbatuques   Corpo do Som. (Este em comparação à canção original demonstrado brevemente em outro vídeo - Chico Buarque e João do Vale - 'Carcará' (1982)).</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A partir daí Construiremos o conceito teórico de "ritmo", enquanto elemento musical, muito presente em nosso cotidiano, distinguindo a <u>pulsação</u> e <u>andamento</u> como suas características próprias usando o caminhar ou somente exemplificando com uma frase rítmica simples;</li> <li>• Depois de distinguido as características do "ritmo", trabalharemos o mesmo com as relações deste elemento com o corpo humano (pulso, respiração, caminhar, etc.), através de atividades práticas simples (perceber o ritmo presente num simples caminhar e poder criar outros, bem como trabalhar o baião, já apresentado no vídeo carcará, em diálogo com outros ritmos apresentados no vídeo do barbatuques, e do FOLI).</li> <li>• Ao término do exposto a cima, finalizaremos essa parte prática com todos os alunos fazendo uma mesma sequência rítmica, depois em ordem por cima da sequência um aluno de cada vez fará um ritmo improvisado que desejar.</li> <li>• Como conclusão da aula, será aplicado o questionário, presente no material didático desenvolvido e trabalhado, a fim de avaliar o aprendizado dos alunos, da aula. E também, uma Avaliação Final com a abordagem de todos os assuntos trabalhados.</li> </ul>
RECURSOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Material didático;</li> <li>✓ Equipamento de som e seus respectivos conectores;</li> <li>✓ Pendrive e/ou notebook;</li> <li>✓ Pandeiro e/ou cajon;</li> <li>✓ Pincel para quadro branco;</li> <li>✓ Quadro Branco;</li> </ul>